

Miconia cinnamomifolia (DC.) Naudin

(carvalho vermelho, garatã, jacatirão, quaresma branca, vassourão)

Família: Melastomataceae

Sinônimos: *Miconia martiusiana*

Endêmica: sim⁴

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica⁴

Recomendação de uso: Silvicultura

Árvore perenifólia que pode atingir até 25 m de altura e 120 cm de DAP, na idade adulta. Boa durabilidade natural. Todavia não é resistente à umidade e ao ataque de cupins. Madeira propensa a apresentar rachaduras durante a secagem. Apresenta dificuldade na penetração de substâncias preservantes. A madeira do jacatirão-açu pode ser usada em construção civil, sarrafos e obras internas. Apresenta tanino na casca, usada em curtume. A casca do jacatirão-açu produz matéria tintorial de cor preta, usada em Santa Catarina, para tingir as redes de pesca, quando eram feitas de algodão. Espécie recomendada para parques e arborização urbana. O jacatirão-açu é uma planta melífera, com produção de pólen e néctar. É considerado uma das melhores espécies arbóreas da Floresta Atlântica, de Santa Catarina para apicultura. Esta espécie é recomendada para revegetação, devido ao papel que desempenha na sucessão secundária como espécie rústica e colonizadora, com expressivo significado para recuperação de áreas degradadas, principalmente em solos recentemente revolvidos.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (dormentes, mourões, poste, celulose e papel, caibros, ripas, suporte de lajes, tabuados, carpintaria e marcenaria, laminação), produtos não madeireiros (apícola, recurso para fauna, ornamental, material tintorial, substâncias tanantes)^{1,3}

Características gerais

Porte: altura 8.0-25.0m DAP 20-120cm^{3,1}

Cor da floração: branca¹

Velocidade de desenvolvimento: Moderada^{1,3}

O desenvolvimento do jacatirão-açu é pouco conhecido em plantios experimentais. A espécie manejada em regeneração natural apresentou um incremento volumétrico de 14 m³/ha.ano-1 com casca.

Persistência foliar: Perenifolia¹

Sistema radicular: -

Formato da copa: Umbeliforme¹

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto¹²

Superfície do tronco: Lisa^{1,2}

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Baga)^{3,1}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: não¹

Pragas e doenças: Não existem dados para essa opção.¹

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas, Áreas bem drenadas^{3,1}

Normalmente, os solos apresentam boa drenagem e textura que varia de arenosa a areno-argilosa (CARVALHO,2003). Ocorre preferencialmente nas encostas de solos úmidos (LORENZI 2002).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial^{10,11,10,6,11}

Polinizadores: Abelhas. Pequenos insetos.^{7,5}

Período de floração: dezembro a janeiro^{5,3,1}

Tipo de dispersão: Zoocórica^{8,9,7}

Agentes dispersores: Pássaros.³

Período de frutificação: fevereiro a junho^{3,5,1}

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore ou no solo¹

A maturação dos frutos do jacatirão-açu ocorre de maneira irregular, tanto na copa como em cada infrutescência, e os pássaros devoram os frutos maduros. Um beneficiamento parcial das sementes pode ser obtido pela maceração dos frutos em água e a decantação natural das sementes, até não mais apresentarem coloração arroxeadas. As sementes afundam e o material

inerte permanece na superfície, facilitando a separação. A seguir, o material é colocado para secar, em local sombreado e ventilado. Quando essas condições não são observadas, as taxas de germinação são muito baixas.

Tipo de semente: Ortodoxa^{1,6}

Tratamento para germinação: Outro⁶

Germinação na presença de luz branca contínua.

Produção de mudas: Recipientes individuais¹

Recomenda-se semear em sementeira e depois repicar as plântulas para sacos de polietileno ou em tubetes de polipropileno de tamanho médio. Recomenda-se a repicagem três meses após a germinação

Tempo de germinação: 22 a 90 dias¹

Taxa de germinação: 20 a 81%^{6,1}

Número de sementes por peso: 1900000/kg⁶

Exigência em luminosidade: Exigente em luz¹

Espécie semi- heliófita. Tolera baixas temperaturas.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

² HOELTGEBAUM, M. P.; QUEIRÓZ, M. H.; REIS, M. S. Relação entre bromélias epifíticas e forófitos em diferentes estádios sucessionais. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 64, p. 337-347, jun. 2013.

³ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁴ GOLDENBERG, R. Miconia In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 01 set. 2013.

⁵ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

⁶ MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

⁷ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

⁸ ZIPPARRO, V. B.; GUILHERME, F. A. G.; ALMEIDA-SCABRIA, R. J.; MORELLATO, L. P. C. Levantamento Florístico de Floresta Atlântica no Sul do Estado de São Paulo, Parque Estadual Intervales, Base Saibadela. *Biota Neotropica*, Campinas, v. 5, n. 1, 2005.

⁹ BORGIO, M. A Floresta Atlântica do litoral norte do Paraná, Brasil: aspectos florísticos, estruturais e estoque de biomassa ao longo do processo sucessional. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010.

¹⁰ ARZOLLA, F. A. R. D. P.; VILELA, F. E. S. P.; PAULA, G. C. R.; SHEPHERD, G. J. Regeneração natural de clareiras de origem antrópica na Serra da Cantareira, SP. *Revista do Instituto Florestal*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 155-169, jun. 2010.

¹¹ LEITE, E. C.; RODRIGUES, R. R. Fitossociologia e caracterização sucessional de um fragmento de floresta estacional do sudeste do Brasil. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 32, n. 3, p. 583-595, 2008.

¹² UBESSI-MACARINI, C.; NEGRELLE, R. R. B.; SOUZA, M. C. de. Produtos florestais não-madeiráveis e respectivo potencial de exploração sustentável, associados à remanescente florestal ripário do alto rio Paraná, Brasil. *Acta Scientiarum: Biological Sciences*, Maringá, v. 33, n. 4, p. 451-462, 2011.